



## 2º Domingo na Quaresma (20/02/2005)

### Primeira Leitura (Antigo Testamento): Gênesis 12.1-8

A primeira lição e o Evangelho falam de homens que mudaram de vida, dizendo "sim" para Deus. Abraão e Nicodemos. Ambos já não eram crianças nem adolescentes. Ao contrário, tudo indica que já eram pessoas de certa idade. Abraão é o exemplo de uma pessoa a quem Deus chamou para uma vida nova e que teve a coragem de aceitar esse desafio. Abraão, supostamente, teria vivido por volta de 1800 anos a.C. em Ur. Um homem comum, preso ao destino de sua cultura, aos condicionamentos de seu mundo, aos horizontes limitados daquele tempo. O que ele podia esperar senão reproduzir a mesma vida que levaram seus pais?

Mas um dia Deus o desafiou a algo muito difícil. Uma ruptura aos 75 anos. Deixar sua segurança, sua estabilidade, o mundo já construído e sair em busca de um período novo em sua vida. Esse é o sentido de palavras tão simples como: "sai da tua terra, da casa de teus pais, e vai para um lugar que ainda te mostrarei".

Abraão aceitou a chamada do desconhecido. Saiu carregando pouca coisa rumo a um lugar que nem sabia onde seria ou como seria. Sem qualquer certeza do tipo de dificuldades que enfrentaria. Mas Abraão aceitou aquele desafio como a possibilidade de uma vida nova apesar de sua idade avançada. Aceitou o desafio de novas descobertas, de moldar seu futuro, de re-escrever sua história, de consertar uma série de coisas que fizera no passado.

Como explicar tudo isso, senão pela fé? Alguém que ousa rever sua vida. Que tem coragem de repensar sua trajetória. De arriscar-se rumo a um tempo e momento novo. E assim como Deus chamou a Abraão, nós cantamos que Ele ainda nos chama a um momento novo. Não importa nossa idade. Nossas realizações. Nossas certezas já adquiridas. Importa apenas uma coisa: ser corajoso para assumir as insatisfações que temos em relação ao que fizemos de nossa vida e a coragem para re-começar com a graça de Deus (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)

Epístola: Romanos 4.1-5,13-17

O trecho designado para a celebração faz parte de um trecho que começa com 3.21 e termina com 4.25. (É claro que há sempre mais do que uma maneira de fazer recorte.) E tem a função de salientar a ação de Deus tornar os ímpios, irreligiosos (vs. 5 e ver o v.17 como paralelo) membros de sua comunidade, justos perante Ele e a fé como aceitação e conseqüentemente viver de modo correspondente a essa iniciativa da graça. Abraão é o modelo da fé e pai espiritual tanto dos judeus quanto dos gentios.



Vs. 1- 5 Qual é a natureza da relação entre Deus e Abraão? Como foi ele declarado e feito justo, bom, aprovado por Deus? Aqui é preciso perceber que não se trata de oposição entre fé e obras. Trata-se das obras da lei: o cumprimento de uma série de mandamentos para ser aceito por Deus, ter direito de estar na presença de Deus e promulgar seus méritos, isto é vangloriar-se. Isso equivale a uma relação de trabalho com Deus e o ser justo e o ter direito de estar na comunhão com Ele e na sua comunidade seria o salário devido. Não se trata desse relacionamento, mas de relacionamento salvador iniciado por Deus e movido pelo seu amor doador.

Vs.13-17 – Trata-se da extração da mensagem da justificação de quem enquanto pagão,(vs.5) da leitura da narrativa com vistas à aplicação para a missão entre os pagãos(gentios). O que aconteceu com Abraão vale para todos. Assim ele é o pai espiritual de todos. Esse viver e conviver na fé representam alguma coisa como vindo a existir do nada, (vs.17).

O que se ressalta é a acolhida de Deus a todos que carecem da glória de Deus, (cf Mc 2.17 – não vim chamar os justos, mas os pecadores). É a aceitação do inaceitável, em meio às incertezas, tensões e ambigüidades. A Igreja é sinal dessa acolhida que louva o Senhor que nos acolheu primeiro. (Dom Sumio Takatsu)

Santo Evangelho: João 3.1-17

Todos precisamos de “novo nascimento”. A expressão que se traduz por “nascer de novo” significa, ao mesmo tempo, “de novo” e “do alto”. A verdadeira vida é aquela que vem “do alto”, de outra esfera. Essa expressão significa o começo de uma nova experiência de vida, orientada e sustentada por Deus. De certo modo, a realidade do “novo nascimento” ou do “nascimento do alto” corresponde ao “viver no Espírito” da literatura paulina em contraposição à “vida da carne”. Isso se torna claro no versículo 6: “o que nasce da carne é carne; o que nasce do Espírito é espírito”. Carne é um conceito estático, que denota a condição humana débil, enquanto o Espírito, é um conceito dinâmico, que denota a força vital de Deus.

O que Jesus ensina aqui é que a esperança de transformar o ser humano com base na lei conhecida por Nicodemos é ilusória; requer-se um novo começo. O próprio Nicodemos conhecia muito bem a lei, os preceitos religiosos. A alta posição por ele ocupada no judaísmo indica isso. Mas houve um momento em que ele teve que repensar sua própria religiosidade. É aquele momento em que refletimos: de que adiantam todas as práticas religiosas que desenvolvo, se isso pouco acrescenta de crescimento real na minha vida? E Nicodemos percebeu que a lei não levava a lugar nenhum. Certamente, ele necessitou de muita coragem para assumir essa descoberta e ir procurar um judeu marginal como era Jesus, alguém que questionava a lei; alguém que desmascarava as imperfeições e semeava dúvidas nas certezas religiosas dos judeus.

A coragem que Nicodemos teve de abrir-se para Deus foi a mesma de Abraão. E Jesus lhe fala: “é necessário nascer de novo”. Cristo não estava falando simplesmente de uma experiência de fundo emocional. O novo nascimento é muito mais que isso. É ser liberto de toda uma mentalidade que permeia o mundo; ser



liberto dos condicionamentos sociais; das questionáveis regras de moral, educação ou etiqueta que servem muito aos opressores e que minam a possibilidade de uma vida mais realizada. Ser liberto do poder da mídia, da propaganda; de condicionamentos que nos ensinam que a vida é assim mesmo; que é normal tanta injustiça e tanta opressão; que é normal tanto sofrimento; tanta infelicidade; tanta falta de prazer e de sentido. Nascer de novo é libertar-se desse passado e abrir-se a uma realidade.

Nicodemos questiona com uma pergunta irônica (“como pode um homem nascer sendo velho?”) que denota também sua mentalidade ainda cativa pela Lei. Ele pensava que a mudança proposta por Jesus seria resultado do próprio esforço humano. Mas o novo nascimento não é efeito do esforço humano, mas da livre ação de Deus, que nos aceita tal como somos, nos acolhe com todos nossos erros e imperfeições, nos perdoa, nos liberta e passa a nos orientar.

Quando Jesus fala em nascer da água e do Espírito ele está unindo símbolos que na literatura joanina remetem à mesma realidade. Em João 7.38-39, Jesus fala em “rios de água viva” e o redator acrescenta: “Ele falava do Espírito que deviam receber aqueles que tinham crido nele”. Nosso rito batismal, expõe de modo muito adequado essa relação através da bênção da água. A água simboliza o lavar, a possibilidade de extirpar as manchas do passado e nos dar o frescor de um corpo novo, cheiroso e que desfruta o bem-estar próprio daqueles que experimentaram um banho regenerador e renovador após o cansaço, o suor e a fadiga de uma longa caminhada.

Não é fácil falar sobre novo nascimento na Igreja. Frequentemente, pessoas que passam por uma profunda crise e reencontram seu ponto de equilíbrio e o sentido da vida após uma forte experiência religiosa tendem a elevar sua experiência ao nível de padrão ou norma do novo nascimento. O risco maior disso é esquecermo-nos de que não há um método para o “nascer de novo ou do alto”. Isso é obra de Deus e não de nós mesmos.

Nascer de novo é ter a mesma coragem de Abraão e Nicodemos para repensar nossa vida. Para permitir a morte de antigos valores e o renascimento de novos. É adquirir um novo olhar da realidade. Um olhar que avalia realisticamente a ambigüidade de todas as nossas realizações e, ao mesmo tempo, a possibilidade de reconhecer nossas limitações e imperfeições. Adquirir um novo olhar sobre nós mesmos. Adquirir uma nova visão da vida. Com mais sensibilidade e mais integração com todas as coisas. Por isso Jesus afirma que tudo isso é resultado da ação do Espírito Santo em nós. Diz ele: “o que nasce da carne, é carne; o que nasce do Espírito, é espírito”.

Todos nós nascemos num mundo perturbado e desequilibrado. E participamos dessa desintegração e desequilíbrio. O desequilíbrio do mundo nos afeta. Respiramos o mesmo ar intoxicado que todos respiram; nos alimentamos do mesmo lixo comercial e industrial; sofremos com as mesmas preocupações e aos poucos a mentalidade do mundo vai nos dominando. Isso é o que a Bíblia chama “A vida na carne”. Indiferente ao mistério que nos rodeia, insensível à vida do próprio planeta terra e fechada em si mesma. A vida no Espírito é diferente. Diferente por ser inspirada por uma nova perspectiva, nova visão de nós mesmos e da sociedade, das nossas limitações e das



enormes possibilidades de melhoria de qualidade de vida que a própria vida nos oferece. É diferente porque é vida no Espírito.

À medida que o Espírito opera em nós esse nascer de novo, invariavelmente, podemos ser alvo de críticas e mal-entendidos. É natural, uma vez que nossa vida passa a ser regida e pautada por outros valores. Nossa própria consciência passa a ser animada por uma nova intuição, novos níveis de percepção e uma atenção maior ao mistério que em tudo nos rodeia. Passamos a perceber a presença de Deus em todas as coisas de um modo nunca antes visto. Percebemos que esse grande poder que mantém a vida na terra está presente de modo infinito nas menores formas de vida. Percebemos que esse poder sempre esteve presente dentro de nós mesmos e nós o ignorávamos; que nós tomamos parte de suas qualidades. Que tudo o que se move e tem vida é sagrado. E que não há nada mais sagrado que a própria vida - de cada criança, de cada pessoa, de cada animal.

De nada adianta tentar explicar tudo isso. A própria realidade do novo nascimento é um fato misterioso como o vento. Sopra onde quer. Mas podemos detectar os sinais do seu sopro. O principal deles é nossa inquietação e insatisfação com a vida atual que levamos. Se nos sentimos assim, talvez estejamos já no tempo maduro para começar a experimentar essa realidade constante do novo nascimento. Aprendemos com Abraão e Nicodemos que não importa nossa idade. Importa sim, nossa coragem, determinação e vontade de experimentar uma nova vida. A vida que tem qualidade, para a qual Cristo nos chama. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)